



A PESCA COMERCIAL NO ESTADO DO PARÁ: PARTICULARIDADES REGIONAIS E DEMANDAS SETORIAIS

Aldeize Driely Cardoso da Silva¹; Mário Andretty Souza e Silva Filho²; Mariele Sales Nunes Brito³; Breno Portilho de Sousa Maia⁴; Marcos Ferreira Brabo⁵

¹Membro do Programa de Educação Tutorial (PET) vinculado ao curso de Engenharia de Pesca da Universidade Federal do Pará (UFPA) (aldeize.14@gmail.com); ²Membro do PET Engenharia de Pesca da UFPA; ³Membro do PET Engenharia de Pesca da UFPA; ⁴Faculdade de Engenharia Pesca (FEPESCA), Instituto de Estudos Costeiros (IECOS), UFPA; ⁵Tutor do PET Engenharia de Pesca da UFPA.

Ciências Agrárias; PET Engenharia de Pesca; Universidade Federal do Pará.

RESUMO

O estado do Pará assume papel de destaque no cenário da pesca brasileira e amazônica, visto que apresenta uma relevante produção proveniente de ecossistemas continentais e marinhos. São peixes, crustáceos e moluscos explorados comercialmente para atendimento dos mercados nacional e intercional, gerando alimento, postos de trabalho e renda para um significativo contingente de pessoas. O objetivo deste estudo foi evidenciar as particularidades regionais e as demandas setoriais da pesca comercial no território paraense. Dados secundários foram levantados em órgãos governamentais e uma revisão de literatura efetuada em publicações científicas e relatórios técnicos acerca da atividade. Identificou-se seis pólos de produção pesqueira: o litoral, a cidade de Belém, o Baixo Tocantins, o reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí, o Baixo Amazonas e o Marajó. O litoral e Belém concentram o maior volume desembarcado, sediando frotas artesanais e industriais, enquanto a pesca comercial nos demais pólos é estritamente artesanal. A diversidade de espécies capturadas, de ambientes explorados e de técnicas de pesca adotadas representa um diferencial em relação aos demais estados brasileiros. Em termos gerais, a modernização da frota, das estruturas de embarque/desembarque e dos espaços públicos de comercialização são as principais demandas do segmento, nenhum dos pólos analisados destoa desta realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Pesca artesanal; Pesca industrial; Recursos pesqueiros; Setor pesqueiro.

INTRODUÇÃO

Historicamente, o estado do Pará é responsável pelo maior desembarque pesqueiro do Brasil, com cerca de 140 mil toneladas por ano (FREIRE et al., 2021). Sua pesca comercial contempla frotas artesanais e industriais que atuam sobre uma elevada diversidade de espécies em ecossistemas dulcícolas e marinhos. Este setor gera postos de trabalho e renda para um significativo contingente de pessoas, com sua produção abastecendo os mercados nacional e internacional (BENTES et al., 2012).

O território paraense é o segundo maior entre as unidades federativas do país, com 1.248.000 km², contemplando 562 km de litoral e três regiões hidrográficas: Amazônica, Tocantins-Araguaia e Atlântico Nordeste Ocidental. Essa extensão e abundância hídrica juntamente com a disponibilidade de recursos pesqueiros, inclusive de espécies com alto valor comercial, promovem particularidades na pesca local, por questões ambientais e socioeconômicas (BENTES et al., 2012; BRAZ NETO et al., 2021).

O objetivo deste estudo foi evidenciar as particularidades regionais e as demandas setoriais da pesca comercial no território paraense, visando balizar políticas públicas e ações da iniciativa privada capazes de potencializar sua vocação natural.

METODOLOGIA

No período de janeiro a junho de 2022, documentos e dados secundários foram levantados em órgãos governamentais sobre ordenamento, produção, processamento e exportação de pescado no estado do Pará, como: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), Ministério do Meio Ambiente (MMA), Secretaria de Estado de Desenvolvimento Agropecuário e da Pesca (SEDAP) e Agência de Defesa Agropecuária do Estado do Pará (ADEPARÁ). Posteriormente, uma revisão de literatura foi efetuada em publicações científicas e relatórios técnicos acerca da atividade, com o intuito de identificar suas particularidades regionais e demandas setoriais.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O último dado estatístico oficial sobre o desembarque pesqueiro no estado do Pará data de 2011, quando foi reportada uma produção de 142,9 mil toneladas, com 87,5 mil toneladas advindas de ambiente marinho e 55,4 mil toneladas provenientes

de ambiente dulcícola. Neste contexto, seis pólos assumem papel de destaque: 1) o litoral; 2) a cidade de Belém; 3) o Baixo Tocantins; 4) o reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí; 5) o Baixo Amazonas; e 6) o Marajó.

O litoral do estado do Pará sedia frotas pesqueiras industriais e artesanais, que adotam a rede de arrasto de fundo, a rede de emalhar ou o espinhel como apetrechos de pesca. Cabe ressaltar que algumas pescarias também são realizadas na costa dos estados do Amapá e do Maranhão, com a produção desembarcando em território paraense, o que é corroborado por Bentes et al. (2012). Tradicionalmente, os municípios de Vigia de Nazaré, Bragança e Curuçá são responsáveis pela maior parcela do desembarque pesqueiro da região.

Dentre os peixes, a pescada gó *Macrodon ancylondon* (Bloch & Schneider, 1801), o pargo *Lutjanus purpureus* (Poey, 1866), a pescada amarela *Cynoscion acoupa* (Lacepède, 1801), a gurijuba *Sciades parkeri* (Traill, 1832) e o serra *Scomberomorus brasiliensis* (Collette, Russo & Zavala-Camin, 1978) assumem protagonismo, enquanto o caranguejo-uçá *Ucides cordatus* (Linnaeus, 1763) e os camarões branco *Litopenaeus schmitti* (Burkenroad, 1936) e rosa *Penaeus subtilis* (Pérez Farfante, 1967) são os principais representantes dos crustáceos.

O litoral paraense integra a maior faixa contínua de manguezais do planeta, possuindo um total de 12 Reservas Extrativistas (RESEX) Marinhas, que tem a função de assegurar o uso sustentável dos recursos naturais e proteger o meio de vida e a cultura das populações residentes. Isso demonstra a importância socioeconômica do setor pesqueiro artesanal e a preocupação com a preservação do ecossistema reponsável por garantir a alimentação, a reprodução e o crescimento de diversos recursos pesqueiros.

A cidade de Belém, Capital do Estado, apresenta o maior desembarque entre os 144 municípios paraenses, principalmente por sediar o Complexo do Ver-o-Peso e um parque industrial direcionado ao setor pesqueiro no Distrito de Icoaraci. O primeiro é considerada a maior feira livre da América Latina, contanto com a Pedra do peixe e o mercado de ferro onde se efetuam transações no varejo, além de inúmeras embarcações e caminhões frigoríficos que comercializam pescado no atacado para o abastecimento de diversos bairros da cidade e de outros municípios. Em relação ao parque industrial, 13 empresas com selo de aprovação do Serviço de Inspeção Federal (SIF), 5 do Serviço de Inspeção Estadual (SIE) e 3 estabelecimentos processadores de produtos artesanais comestíveis operam em Belém, a maioria no

Distrito supracitado.

No Baixo Tocantins, os municípios de Abaetetuba, Cametá, Limoeiro do Ajuru e Mocajuba são responsáveis pelos maiores volumes de pescado desembarcado, com protagonismo para o mapará *Hypophthalmus marginatus* (Valenciennes, 1840), capturado em uma pesca de cerco conhecida como “borqueio”, e o camarão da Amazônia *Macrobrachium amazonicum*, explorado ao longo do ano inteiro por armadilhas conhecidas como “matapi”. Na região, a pesca é regulamentada pela Instrução Normativa Interministerial nº 13 de 25 de outubro de 2011, que estabelece o período de defeso entre 1º de novembro e 28 de fevereiro, bem como o tamanho mínimo de captura de diversas espécies comerciais.

O reservatório da Usina Hidrelétrica de Tucuruí resultou do barramento efetuado no rio Tocantins na cidade de mesmo nome, promovendo um significativo incremento na produção local de pescado, efeito inverso ao ocasionado no Baixo Tocantins, região à jusante do lago artificial. O mapará, o tucunaré *Cichla* spp., a pescada branca *Plagioscion squamosissimus* (Heckel, 1840), o curimatã *Prochilodus* spp. e a jatuarana *Brycon* spp. são as principais espécies desembarcadas de um volume anual estimado entre 4 mil e 9 mil toneladas, informação que converge com os resultados de Braz Neto et al. (2021).

No Baixo Amazonas, onde o município de Santarém responde pelo maior desembarque pesqueiro, a pesca comercial é estritamente artesanal e pode ser dividida em peixes lisos ou bagres, direcionados especialmente à indústria, e peixes de escamas, que atendem principalmente ao mercado regional. A dourada *Brachyplatystoma flavicans* (Castelnau, 1855), a piramutaba *Brachyplatystoma vaillantii* (Valenciennes, 1940), o mapará *Hypophthalmus* spp. e o fura calça *Pimelodina flavipinnis* (Steindachner, 1876) representam a maior parcela dos peixes lisos, enquanto o tucunaré *Cichla* spp., a pescada branca, o tambaqui *Colossoma macropomum* (Cuvier, 1816), a pirapitinga *Piaractus brachypomus* (Cuvier, 1818) e o pirarucu *Arapaima gigas* (Schinz, 1822) são alguns dos principais peixes de escamas.

A região está submetida ao ordenamento da bacia hidrográfica do rio Amazonas previsto na Portaria IBAMA nº 48 de 5 de novembro de 2007, que estabelece o período de defeso de 15 de novembro a 15 de março no estado do Pará. Algumas espécies, a exemplo do tambaqui e do pirarucu apresentam normatizações específicas. O primeiro tem um defeso entre 1º de outubro e 31 de março nos termos da Instrução Normativa MMA nº 35 de 29 de setembro de 2005 e o segundo entre 1º

de dezembro e 31 de maio de acordo com a Instrução Normativa IBAMA nº 34 de 18 de junho de 2004. Além disso, é importante enfatizar que a pesca local é fortemente influenciada pelos pulsos de inundação, ou seja, a inundação periódica de determinadas áreas de floresta que homogeneiza rios e lagos.

No Marajó, a pesca é marinha em determinados municípios e continental em outros, que representam a maioria. No caso dos organismos marinhos, o caranguejo-uçá, a pescada amarela, a corvina *Cynoscion virescens* (Cuvier, 1830) e a gurijuba são as espécies mais exploradas. No que concerne aos dulcícolas, o camarão-da-Amazônia, a pescada branca, a piramutaba, a dourada e o tamuatá *Hoplosternum littorale* (Hancock, 1828). Em ambos os casos, as pescarias são estritamente artesanais.

Em suma, apesar da relevante importância socioeconômica do segmento, a pesca e seus atores sociais não contam com condições de trabalho adequadas no tocante a saúde, segurança e aspectos higiênico-sanitários, seja nas embarcações ou em espaços públicos, com nenhum dos pólos analisados destoando desta realidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A diversidade de espécies capturadas, de ambientes explorados e de técnicas de pesca adotadas representa um diferencial do Pará em relação aos demais estados brasileiros. Em termos gerais, a modernização da frota, das estruturas de embarque/desembarque e dos espaços públicos de comercialização são as principais demandas do segmento.

REFERÊNCIAS

BENTES, B. et al. 2012. Multidisciplinary approach to identification of fishery production systems on the northern coast of Brazil. *Biota Neotropica*, v. 12, n. 1.

BRAZ NETO, S. P. et al. 2022. Multidisciplinary approach to identification of fishery systems in amazonian reservoir: case study in Tucuruí dam. *Boletim do Instituto de Pesca*, v. 47, e-604.

FREIRE, K. M. F. et al. 2021. Reconstruction of marine commercial landings for the Brazilian industrial and artisanal fisheries from 1950 to 2015. *Frontiers Marine Science*, v. 8, 659110.